

ENTRE O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA: REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO, AVALIAÇÃO E INCLUSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA

Eixo 2 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

Lohainy Cristina Almeida Jardim⁵²

Resumo

A formação inicial de professores possibilita ressignificar concepções sobre o trabalho docente por meio da articulação entre estudos teóricos e experiências práticas. Este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as aprendizagens construídas na disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, articuladas às vivências da graduação em Pedagogia. A experiência evidenciou que currículo, planejamento e avaliação exigem observação, escuta e reorganização constante da prática pedagógica. Conclui-se que a articulação entre teoria e prática fortalece uma identidade docente crítica, reflexiva, inclusiva e comprometida com a aprendizagem.

Palavras-chave: Formação docente; Planejamento pedagógico; Currículo; Avaliação; Inclusão.

Introdução

Este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as aprendizagens construídas na disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, ministrada pela Prof.^a Dra. Sandra Novais Sousa, articulando os estudos sobre currículo, planejamento e avaliação às vivências da formação inicial em Pedagogia. Busca-se evidenciar como a aproximação entre teoria e prática contribuiu para ressignificar o planejamento pedagógico e fortalecer uma identidade docente comprometida com a inclusão, a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças.

Na referida disciplina, a avaliação da aprendizagem foi composta por quatro atividades. A primeira, foi um Seminário em grupo, tendo como tema o ensino de ortografia para estudantes em processo inicial de aprendizagem da escrita. A segunda, foi a elaboração de uma sequência didática, que deveria necessariamente utilizar um livro de literatura infantil como motivador de um tema que perpassasse, de forma inter e transdisciplinar, todas as disciplinas que são responsabilidade dos pedagogos (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências), além de abordar os temas transversais Direitos Humanos, Educação Ambiental e Relações Étnico-raciais. A terceira atividade avaliativa consistiu na elaboração de um relatório sobre as 12h de observação realizadas em turmas de 3º, 4º ou 5º ano, incluindo um Caso de Ensino, produzido a partir de alguma situação observada na sala de aula ou no espaço escolar. E, por fim, a escrita de um memorial, composto por quatro narrativas formativas, sendo uma para cada módulo da disciplina⁵³. Neste relato de experiência, apresento um recorte do memorial produzido, centrando meu olhar para as reflexões tecidas ao longo da disciplina, mas, especialmente, para as aprendizagens possibilitadas pela elaboração de um planejamento para o 5º ano.

No primeiro módulo dessa disciplina, discutimos sobre profissionalidade, identidade e saberes da docência. Foi possível compreender que a formação inicial de professores constitui um processo

⁵² Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (Faed), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: lohainy.jardim@ufms.br.

⁵³ Os módulos da disciplina foram: 1 - Profissionalidade, identidade e saberes da docência; 2 - Gestão do trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental: questões de disciplina e indisciplina; 3 - O exercício da prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: relações entre currículo, planejamento e avaliação; 4 - Aspectos atitudinais que envolvem questões de educação das relações étnico-raciais, educação ambiental e educação em direitos humanos que devem perpassar pelo universo infantil: ludicidade, projetos e sequências didáticas.

contínuo de construção de conhecimentos, saberes e identidades profissionais, marcado pela articulação entre estudos teóricos e experiências vivenciadas em diferentes contextos educativos e que, nesse percurso, as disciplinas do curso de Pedagogia contribuem para ampliar a compreensão sobre a complexidade do trabalho docente, favorecendo a reflexão crítica acerca das práticas pedagógicas e dos desafios presentes no cotidiano escolar.

Entre os elementos que compõem a prática docente e são objetos de estudo de diversas disciplinas do curso de Pedagogia currículo, planejamento e avaliação assumem papel fundamental, pois orientam as ações do professor e influenciam diretamente as oportunidades de aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Entretanto, quando compreendidos apenas como instrumentos técnicos ou burocráticos, esses elementos reduzem a complexidade do trabalho pedagógico. Conforme destaca Pimenta (2012), os saberes docentes são construídos no diálogo permanente entre teoria e prática, sendo ressignificados ao longo da formação e da atuação profissional.

As discussões da disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, voltada especificamente ao trabalho pedagógico no 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental, possibilitaram ampliar essa compreensão, evidenciando que o planejamento não se restringe à organização de conteúdos ou atividades, mas envolve um processo intencional que exige conhecimento da realidade dos estudantes, definição de objetivos, seleção de estratégias metodológicas e reflexão contínua sobre o processo de ensino e aprendizagem. Hoffmann (2001) reforça que a avaliação deve assumir caráter mediador, acompanhando o desenvolvimento dos estudantes e subsidiando o replanejamento das práticas pedagógicas.

No memorial, a escrita sobre as experiências vivenciadas permitiu ressignificar esses conceitos, evidenciando que o planejamento precisa ser flexível e reorganizado conforme as necessidades do cotidiano escolar. Essas vivências também mostraram que a aprendizagem ocorre de forma singular para cada criança, exigindo do professor sensibilidade, escuta e capacidade de adaptação.

Dessa forma, na próxima seção trago algumas reflexões sobre a experiência de elaboração de uma sequência didática interdisciplinar, articulando os componentes curriculares, as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande (REME) e propostas de ensino contextualizadas. Esse processo evidenciou que planejar exige intencionalidade pedagógica, coerência entre objetivos, metodologias e avaliação, além da consideração das características dos estudantes.

Do planejamento prescrito à construção de uma prática pedagógica reflexiva

Ao iniciar os estudos da disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, minha compreensão sobre planejamento pedagógico ainda estava fortemente associada à organização de conteúdos, atividades e recursos didáticos. Embora reconhecesse sua importância, entendia-o principalmente como um documento para orientar a sequência das aulas. Com as discussões da disciplina, tornou-se evidente que planejar vai além da distribuição de conteúdos em um cronograma, configurando-se como um processo de reflexão contínua sobre as aprendizagens, os sujeitos envolvidos e as estratégias que favorecem a participação dos estudantes.

Essa compreensão foi sendo construída ao longo das leituras, discussões e, sobretudo, da elaboração de uma sequência didática interdisciplinar desenvolvida coletivamente. A proposta teve como tema o Pantanal Sul-Mato-Grossense, articulando História, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa e Matemática a partir da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e do Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino (Campo Grande, 2020). O planejamento integrou conteúdos relacionados ao território, cultura regional, preservação ambiental e uso consciente da água, evidenciando a importância da interdisciplinaridade para aprendizagens significativas.

Nesse processo, ficou evidente que elaborar uma sequência didática exige mais do que selecionar atividades: envolve definir objetivos coerentes, escolher metodologias adequadas, prever formas de acompanhamento da aprendizagem e articular diferentes áreas do conhecimento. Assim, cada decisão pedagógica revela concepções de educação, currículo e aprendizagem que orientam a prática docente.

Durante a elaboração da sequência didática, uma das maiores dificuldades foi mudar a forma como eu estava acostumada a pensar o planejamento. No início, minha preocupação era elaborar atividades que fossem interessantes para os alunos e, somente depois, procurar uma habilidade da BNCC que se relacionasse com elas. Com o desenvolvimento da disciplina, consegui compreender que o planejamento precisava seguir o caminho inverso: primeiro era necessário considerar os objetivos de aprendizagem e, a partir deles, pensar em atividades que realmente contribuíssem para o desenvolvimento das habilidades propostas. Essa foi uma mudança importante na minha forma de compreender o planejamento, pois passei a perceber que cada atividade precisava ter uma intenção pedagógica e não apenas preencher o tempo da aula.

O maior desafio foi a escolha de um livro de literatura infantil que pudesse orientar toda a sequência didática. Antes de chegar ao livro “Em cima daquela serra”, foi necessário trocar a obra algumas vezes, pois os livros escolhidos inicialmente não permitiam estabelecer as relações que precisávamos entre o tema Pantanal, as habilidades selecionadas e as atividades planejadas. Quando encontrei um livro que possibilitava estabelecer essas relações, consegui compreender melhor o que a professora havia proposto desde o início da disciplina. O livro deixou de ser apenas uma leitura e passou a orientar todo o planejamento. A partir dele foi possível, por exemplo, relacionar a serra apresentada na história com a Serra de Maracaju, aproximando o contexto da narrativa da realidade dos estudantes e desenvolvendo atividades que dialogavam com o tema escolhido.

Outra dificuldade foi pensar na transição entre Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências sem perder de vista o Pantanal e os temas transversais que precisavam ser trabalhados. Em alguns momentos pensei que seria impossível utilizar um único livro para desenvolver duas semanas de aulas envolvendo todas essas disciplinas. A maior dificuldade foi em Língua Portuguesa, pois, apesar das possibilidades de leitura e produção textual, nem sempre era simples manter a relação com o tema sem que as atividades se tornassem repetitivas. Nas demais disciplinas, essa integração aconteceu de forma mais natural. Em História foi possível trabalhar os povos do Pantanal; em Geografia, aspectos relacionados à Serra de Maracaju e ao território; em Ciências, a preservação da água, o Aquífero Guarani e a conservação ambiental; e, em Matemática, pesquisas, tabelas e gráficos relacionados ao uso da água. Depois que consegui compreender como uma disciplina poderia dar continuidade à outra, mantendo o mesmo tema, o planejamento passou a fazer muito mais sentido.

Um momento que exigiu bastante reflexão foi a elaboração das avaliações. No início, a maior dificuldade foi pensar como seria possível verificar se os objetivos de aprendizagem realmente haviam sido alcançados. Até então, minha preocupação estava voltada principalmente para as atividades, mas durante a construção da sequência didática percebi que também era necessário pensar nos instrumentos e nas formas de registro que permitiriam acompanhar o desenvolvimento dos estudantes. Isso fez com que eu compreendesse melhor a diferença entre simplesmente aplicar uma atividade e utilizá-la como parte do processo de avaliação. Assim, passei a entender que a avaliação não acontece apenas por meio de uma prova, mas durante todo o desenvolvimento da sequência, considerando as produções dos estudantes, sua participação, as discussões realizadas em sala, os cartazes, os gráficos, os registros escritos e as apresentações desenvolvidas ao longo das aulas.

Foi durante esse processo que consegui compreender melhor o que a professora discutia ao longo da disciplina sobre a intencionalidade do planejamento. Antes, eu entendia o planejamento muito mais como uma organização dos conteúdos e das atividades que seriam desenvolvidos em sala

de aula. Ao elaborar a sequência didática, percebi que todas as escolhas feitas pelo professor, desde o livro utilizado até as metodologias, as atividades e as avaliações, precisam estar relacionadas aos objetivos de aprendizagem definidos anteriormente. Assim, as atividades deixaram de ser escolhidas apenas porque eram interessantes ou diferentes e passaram a ter uma finalidade pedagógica clara, fazendo com que todo o planejamento tivesse mais sentido.

As doze horas de observação realizadas no Ensino Fundamental também contribuíram para ampliar essa reflexão. Durante esse período, percebi que as aulas observadas estavam organizadas principalmente a partir dos conteúdos previstos para cada disciplina e do uso frequente do livro didático. Embora a professora utilizasse outros recursos e conduzisse bem a turma, não observei uma integração entre as disciplinas semelhante à que procurei construir na sequência didática. História, Geografia, Matemática e Língua Portuguesa eram trabalhadas separadamente, cada uma com seus conteúdos, sem um tema que estabelecesse relações entre elas.

Essa observação fez com que eu refletisse sobre a proposta desenvolvida durante a disciplina e percebesse que um planejamento elaborado a partir dos objetivos de aprendizagem, articulando diferentes áreas do conhecimento em torno de um mesmo tema, pode tornar as aulas mais significativas e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes. Ao mesmo tempo, compreendi que a flexibilidade discutida ao longo da disciplina não elimina a importância do planejamento. Pelo contrário, quanto mais intencional ele for, maiores são as possibilidades de o professor realizar adaptações sem perder de vista aquilo que pretende que os alunos aprendam.

As discussões da disciplina também ampliaram a compreensão sobre o currículo, que antes era entendido apenas como um conjunto de conteúdos a serem ensinados. Os estudos permitiram perceber que o currículo envolve escolhas sobre quais conhecimentos são valorizados na escola e como contribuem para a formação integral dos estudantes. Nesse sentido, planejar significa propor experiências que vão além da aprendizagem de conteúdos, incluindo o desenvolvimento do pensamento crítico, da participação e do respeito às diferenças.

Outro aspecto ressignificado foi a avaliação. Ao longo da elaboração da sequência didática, compreendeu-se que ela não se limita aos resultados finais, mas envolve o acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem. As contribuições de Hoffmann (2001) reforçam a avaliação como função mediadora, que orienta decisões pedagógicas e o replanejamento das ações. Dessa forma, planejamento e avaliação passam a constituir processos articulados e indissociáveis.

A elaboração da sequência didática representou um importante momento de aprendizagem na formação inicial, ao evidenciar que o planejamento precisa ser intencional, contextualizado e flexível. Concomitantemente ao curso da referida disciplina, eu estava realizando o Estágio Obrigatório II, em uma turma de crianças com 5 e 6 anos. E foi no estágio que essas reflexões se aprofundaram, pois a prática revelou que nenhum planejamento antecipa todas as situações da sala de aula. A realidade escolar exige sensibilidade, escuta e reorganização constante das ações pedagógicas, respeitando os diferentes modos de aprender das crianças.

Foi justamente uma dessas situações vivenciadas nesse estágio que provocou uma das reflexões mais significativas da formação, contribuindo para a ressignificação da compreensão sobre planejamento, currículo e avaliação, aspectos que atravessam toda a Educação Básica e que estavam sendo discutidos na disciplina de Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I.

Ao acompanhar o trabalho das professoras, notei que situações inesperadas surgiam durante as atividades, exigindo adaptações e reorganizações constantes para atender às necessidades das crianças. Durante uma atividade, a professora regente afirmou que uma criança provavelmente não participaria, por apresentar resistência a materiais com diferentes texturas. No entanto, optou-se por não antecipar limitações, e a criança foi convidada a participar junto aos colegas, respeitando seu tempo e suas escolhas. Aos poucos, ela se envolveu na proposta, explorou os materiais e permaneceu participativa durante a atividade.

Essa vivência provocou uma reflexão importante sobre a prática docente, pois evidenciou como expectativas prévias podem limitar as possibilidades de participação das crianças. Quando determinadas características passam a definir o que uma criança “é capaz” ou “não capaz” de realizar, corre-se o risco de restringir seu desenvolvimento antes mesmo da experiência.

Compreendi, assim, que a aprendizagem não ocorre de forma homogênea. Cada criança constrói relações próprias com o conhecimento, possui diferentes tempos de aprendizagem e responde de maneiras diversas às propostas pedagógicas. Por isso, o planejamento precisa considerar essas singularidades e manter-se aberto às mudanças ao longo do processo educativo.

As discussões da disciplina também ampliaram a compreensão sobre o currículo, antes visto apenas como uma organização de conteúdos. Os estudos permitiram entendê-lo como um conjunto de escolhas sobre quais conhecimentos são valorizados pela escola e quais experiências são proporcionadas às crianças, refletindo concepções de educação e formação humana.

Embora a BNCC reforce o compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando dimensões cognitivas, sociais, emocionais e culturais, bem como, de modo semelhante, o Referencial Curricular da Reme destaque a importância de práticas pedagógicas que respeitem o desenvolvimento infantil e valorizem a participação ativa das crianças, no cotidiano escolar, entretanto, foi possível perceber situações em que havia uma forte preocupação em cumprir o planejamento, mesmo quando as crianças demonstravam outras necessidades de aprendizagem. Essa realidade evidenciou a importância de compreender o documento curricular em sua dimensão política e não neutra, pois, ainda que o discurso oficial traga uma determinada concepção de ensino e aprendizagem, a quantidade de habilidades que devem ser trabalhadas acaba imprimindo uma característica conteudista ao trabalho docente, mesmo na educação infantil. Nessa perspectiva, será que no cotidiano das escolas, frente às exigências institucionais e curriculares, o planejamento é utilizado como instrumento de mediação do ensino, ou apenas como organização de atividades?

Outro aspecto que se fortaleceu ao longo dessa experiência foi a compreensão sobre o papel da avaliação no processo educativo. Antes da formação inicial, a avaliação era frequentemente associada à atribuição de notas e à verificação da aprendizagem. Com os estudos da disciplina e as observações no estágio, foi possível ampliar essa compreensão, entendendo-a como acompanhamento contínuo do percurso de aprendizagem das crianças, considerando seus avanços, dificuldades e potencialidades.

As reflexões de Hoffmann (2001) contribuíram para essa mudança de perspectiva ao defender uma avaliação mediadora, integrada ao processo de ensino e aprendizagem. Nessa abordagem, avaliar não se limita a um momento de verificação ou classificação, mas constitui uma prática permanente de observação, escuta e intervenção pedagógica.

Embora o estágio tenha ocorrido na Educação Infantil, foi possível perceber que essa concepção de avaliação se estende a toda a Educação Básica. Em diferentes situações, observou-se que as professoras avaliavam as crianças a partir de suas participações, interações, falas e brincadeiras, produzindo registros que orientavam novas intervenções. Essa vivência evidenciou que avaliar exige atenção aos processos de aprendizagem, e não apenas aos resultados.

Ao mesmo tempo, algumas situações despertaram inquietações, especialmente quando a preocupação com o cumprimento das atividades previstas reduzia o tempo de escuta e de valorização das formas de expressão das crianças. Essas experiências evidenciaram que a qualidade da prática pedagógica depende menos da execução do planejamento e mais da capacidade de interpretar as situações vividas e reorganizar as ações pedagógicas.

Compreende-se que currículo, planejamento e avaliação não são dimensões isoladas, mas articuladas no trabalho docente, exigindo do professor conhecimento teórico, sensibilidade e constante reflexão sobre a prática. Ensinar, portanto, envolve criar condições para que todas as crianças participem, aprendam e desenvolvam suas potencialidades.

As experiências vivenciadas também contribuíram para ressignificar a compreensão sobre a profissão docente. Antes da graduação, eu acreditava que ser professor estava relacionado principalmente ao domínio de conteúdos e à organização de aulas. Atualmente, compreendo que esses elementos são importantes, mas insuficientes, sendo essencial a escuta, a observação e a reflexão constante sobre as necessidades dos estudantes e sobre a própria prática.

Esse movimento dialoga com Pimenta (2012), ao afirmar que os saberes docentes se constroem na articulação entre teoria, prática e reflexão crítica. Da mesma forma, Nono e Mizukami (2002) destacam que a análise das experiências vividas contribui para a compreensão da complexidade do trabalho docente e para a construção de novas formas de atuação.

Ao revisitar essa experiência, compreendo que ela ultrapassa a aprendizagem de procedimentos pedagógicos, constituindo-se como um processo formativo que permite questionar concepções anteriores, reconhecer a importância da flexibilidade no planejamento e valorizar as diferentes formas de aprendizagem das crianças.

Pude refletir que ensinar não significa executar um planejamento previamente elaborado, mas construir, junto às crianças, experiências de aprendizagem que respondam às demandas do cotidiano escolar, ou seja, interpretar continuamente as respostas das crianças, reavaliar suas decisões pedagógicas e construir novas possibilidades de intervenção. Essa compreensão representa uma das aprendizagens mais significativas da disciplina: contribuiu para ressignificar a forma de entender o trabalho docente e reforçou a importância da articulação entre teoria e prática na constituição da identidade docente.

Considerações Finais

A formação inicial em Pedagogia constitui um processo complexo, contínuo e marcado pela articulação entre conhecimentos teóricos, experiências práticas e reflexões sobre a realidade educacional. A escrita do memorial na disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, articulando os conceitos e teorias discutidos nos quatro módulos com as vivências no curso como um todo e, especialmente, na disciplina de estágio, possibilitou-me compreender que a constituição da identidade docente ocorre gradativamente, a partir da análise crítica das experiências vividas e da ressignificação constante das concepções sobre ensino, aprendizagem, currículo, planejamento e avaliação.

Como resultados dessas reflexões, aponto a compreensão de que o planejamento pedagógico não pode ser utilizado como um instrumento rígido ou meramente burocrático, mas como um processo dinâmico, intencional e flexível, que se constrói a partir da realidade dos estudantes e das interações estabelecidas no cotidiano escolar. Da mesma forma, o currículo se apresenta como um campo de escolhas pedagógicas e culturais que influencia diretamente a formação dos sujeitos, ultrapassando a simples organização de conteúdos.

No que se refere à avaliação, observei a importância de uma perspectiva formativa e mediadora, capaz de acompanhar os processos de aprendizagem e subsidiar a reorganização das práticas pedagógicas. Essa compreensão reforça a necessidade de um olhar atento às singularidades das crianças, considerando seus diferentes ritmos, modos de participação e formas de expressão.

Refletir sobre as experiências vivenciadas durante o estágio, à luz das discussões realizadas na disciplina de Prática de Ensino, contribuiu de maneira significativa para a ressignificação dessas concepções, evidenciando a distância existente entre o planejamento previamente elaborado e a complexidade da prática pedagógica em sala de aula. Situações cotidianas demonstraram que ensinar exige sensibilidade, escuta, observação e abertura para reorganizar caminhos, reconhecendo que a aprendizagem se constrói de forma singular e não linear.

Concluo, portanto, que a articulação entre teoria e prática constitui um elemento fundamental na formação inicial de professores, pois possibilita a construção de uma postura crítica, reflexiva e

comprometida com uma educação inclusiva e de qualidade. Reafirmo, ainda, que a docência é um processo em permanente construção, que exige estudo contínuo, reflexão sobre a prática e compromisso ético com o desenvolvimento integral dos estudantes e com a transformação social por meio da educação.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 19 ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Casos de ensino e processos de aprendizagem profissional docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 83, n. 203/204/205, p. 72-84, jan./dez. 2002.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Campo Grande, MS). **Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino (Reme)**. Campo Grande, MS: SEMED, 2020.